

## Ação Cultural Externa em 2017

Pág. 2/3



FOTO ORIGINAL DE ESTELA SILVA/LUSA

Conferência na Cátedra D. João II, em Oxford  
**O que se passa com as criadoras  
portuguesas?**

Pág.4

**Primeira edição do Prémio literário  
INCM/Eugénio Lisboa**

Pág.4

## Ação Cultural Externa em 2017 Organizar a internacionalização

«A formulação empregue, mesmo que a título de exemplo, explica de modo claro o que muda: «proibe[-se] que haja doravante (...) qualquer feira internacional de qualquer produto industrial português financiada com apoio público que não inclua uma componente de divulgação e difusão do património cultural e de difusão artística contemporânea portuguesa».

«Dito assim», acrescentou o seu autor, o ministro dos Negócios Estrangeiros Augusto Santos Silva, «percebe-se melhor o alcance desta orientação», que estabelece que «todos os organismos e serviços públicos que têm responsabilidade em matéria de promoção internacional, seja na área da educação seja na área social, económica, devem integrar a difusão dos valores e dos bens culturais portugueses, patrimoniais ou da criação contemporânea, no seu plano de ação».

A nova orientação decorre da resolução do Conselho de Ministros de outubro passado, em que ficou consagrado logo no seu primeiro parágrafo que «a internacionalização da cultura portuguesa constitui uma das finalidades prosseguidas pelas políticas públicas» em Portugal.

O chefe da diplomacia portuguesa falava conjuntamente com o seu colega da Cultura, Luís Filipe Castro Mendes, na apresentação em fevereiro do primeiro programa indicativo de Ação Cultural Externa, em resultado das provisões contidas na referida resolução (70/2016, de 20 de outubro de 2016).

O ministro Castro Mendes explicou, por seu lado, que «a variável cultura vai entrar na afirmação de Portugal em todos os domínios, na medida em que todos os organismos e serviços públicos com responsabilidades na promoção internacional dos recursos e dos interesses portugueses

passam a ter de integrar nos seus planos de ação as componentes da difusão da língua, do património e da criação cultural portuguesa, uma orientação transversal às áreas sociais – à educação, à ciência, tecnologia e ensino superior, economia e turismo».

Uma segunda mudança é «a criação de um programa anual de promoção no exterior da cultura portuguesa», que traga «objetivos comuns, grandes eixos temáticos que organizem a nossa ação cultural externa», de uma orientação no sentido da «diplomacia cultural». «Dito de forma muito simples: trata-se de destacar a diplomacia cultural no âmbito das atividades e da prossecução da missão por parte (...) das nossas embaixadas e consulados.

Uma preocupação expressa pela resolução do Conselho de Ministros diz respeito, segundo o ministro, à difusão de informação, para «dar

mais visibilidade ao muito que já se faz hoje em matéria de promoção externa da cultura portuguesa». Outra «é garantir que todos os interessados, todos os intervenientes neste domínio dispõem da informação necessária em tempo útil». Daí, a medida de criação de uma agenda cultural, nos portais do Camões, I.P. e da Cultura.

A resolução para a internacionalização da cultura portuguesa prevê ainda a existência de uma estrutura de coordenação, que tem como pivôs o Camões, I.P. e o Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais (GEPAC), mas em que têm assento outras entidades públicas – os gabinetes dos ministros e dos secretários de Estado de ambos os ministérios, as direções-gerais das Artes e do Tesouro e Finanças e à AICEP (Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal), bem como a existência de uma ‘reserva financeira’ de «10% do orçamento da totalidade dos organismos envolvidos», embora não 10% de cada um mas na sua globalidade.

Outros organismos e serviços, cuja intervenção compreende uma forte componente cultural – escolas portuguesas no estrangeiro (sob a tutela do Ministério da Educação), universidades, institutos politécnicos e centros

de investigação, têm um papel «muito relevante para a promoção internacional da cultura portuguesa», segundo Augusto Santos Silva.

O papel da AICEP, que sob a tutela do Ministério dos Negócios Estrangeiros, tem como missão tratar do investimento em Portugal, do investimento português no estrangeiro e do comércio externo português, e do Turismo de Portugal nesta promoção da cultura portuguesa no exterior, mereceriam aliás uma referência desenvolvida da parte do chefe da diplomacia portuguesa.

### A LITERATURA É EXPORTÁVEL

Augusto Santos Silva descreveu este envolvimento de entidades ligadas à economia na promoção cultural no exterior como «um elemento qualitativamente novo neste programa». «É o elemento da promoção no sentido técnico da palavra», afirmou, explicando que, da mesma maneira que o Turismo promove o sol do Algarve, Fátima, o conjunto monumental de Sintra, e a AICEP promove a exportação de calçado português, a fileira do papel, dos materiais e veículos de transporte, ou a fileira eletrónica portuguesa, estas entidades podem e devem, e já estão a fazê-lo, «promo-

## Promoção externa da cultura portuguesa com 3 ações por dia

«São mais de 1.300 as ações de promoção da cultura portuguesa no estrangeiro que o programa anual de Ação Cultural Externa para 2017, elaborado por um conjunto de entidades públicas, acolhe na sua lista indicativa nos mais diferentes domínios culturais.

Em média, serão «todos os dias pelo menos três ações em todo o mundo que promovem a cultura portuguesa», afirmou na apresentação do programa, em fevereiro, numa conferência de imprensa no Palácio da Ajuda, em Lisboa, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, acompanhado pelo seu homólogo da Cultura, Luís Filipe Castro Mendes.

Respondendo a sete áreas temáticas, que vão da «acessibilidade dos públicos aos bens culturais» às «questões da cultura e das cidades e ambiente urbano», passando pela valorização do património e das questões da cultura e da cidadania e da igualdade; do desenvolvimento; da educação e da ciência; e do diálogo intercultural, o programa está dividido de forma «muito convencional mas pragmática entre domínios culturais – o património, as artes performativas, o espetáculo, as artes plásticas e visuais, os conteúdos digitais, o cinema e multimédia e por aí adiante...», segundo indicou Santos Silva.

O ministro acentuou o caráter indicativo do programa, «em primeiro lugar porque vivemos numa democracia, em segundo lugar porque não vivemos numa economia planificada e



Artista plástico Vhils numa intervenção no muro da Embaixada de Portugal em Bangueoque. Foto Inês Gonçalves/Lusa

em terceiro lugar porque, justamente, se trata de arte, de cultura, onde a diversidade, a riqueza e a espontaneidade devem ser estimuladas e não reguladas ou travadas». Precisamente, «ao longo do ano, muitas outras atividades, iniciativas e oportunidades surgirão e serão aproveitadas», acrescentou.

O grosso das ações tem como palco, «como aliás se esperaria», a Europa (31 países). Em África são abrangidos 10 países, no Médio Oriente e Magrebe outros 10, 11 na Ásia e Oceânia e 13 nas Américas, o que quer dizer que «mais de metade [se situa] no grande espaço

euro-asiático», constatou o chefe da diplomacia portuguesa.

Augusto Santos Silva sublinhou ainda que «as ações são de dimensão, ou de importância, muito diferenciada». Tanto pode ser «uma pequena exposição na sala disponível de um centro de língua portuguesa», como «a participação portuguesa num grande festival de cinema».

O que foi feito este ano, segundo o ministro, foi «agregar o que diferentes serviços e organismos de diferentes ministérios iam fazendo e estavam planeando fazer para (...) desenhar um

programa comum, em obediência a eixos temáticos comuns». O «desafio» para o programa para 2018 é «tirar todo o partido de todas as atividades de entidades públicas, privadas e do terceiro setor que trabalham em prol da promoção da cultura portuguesa», frisou.

### INCENTIVOS FINANCEIROS

Abordando o programa, a que por vezes também chamou plano, o ministro apresentou vários «grandes grupos», o primeiro dos quais compreende as «ações que têm basicamente a ver com incentivos financeiros públicos às atividades de criação ou de difusão cultural», destacando os apoios à tradução de obras portuguesas e à publicação de ilustração e banda desenhada de autores portugueses no estrangeiro, concedidos pela Direção-Geral do Livro, Arquivos e Bibliotecas e pelo Camões, I.P., um par que «funciona bastante bem».

O ministro deu outros exemplos de programas de incentivo financeiro por concurso organizado pelo Ministério da Cultura, referindo os apoios à coprodução cinematográfica em geral e especificamente luso-brasileira, ou à internacionalização das artes, designadamente para a participação de artistas portugueses em exposições internacionais.

Dentro desse capítulo dos incentivos financeiros, valorizou os prémios internacionais financiados ou cofinanciados por Portugal, designadamente pelo Ministério da Cultura e pelo Camões, I.P. «Todos sabemos que o grande prémio internacional de língua portuguesa é o Prémio Camões, que terá mais uma edição este ano em 2017», disse. Do conjunto de prémios disponíveis, destacou um novo prémio luso-brasileiro, que terá a sua primeira edição em 2017, destinado a galardoar a literatura infanto-juvenil. Foi uma decisão tomada na

cimeira Brasília, no final de 2016, entre Portugal e o Brasil.

Um segundo «grande grupo» referido na conferência de imprensa é constituído pelos apoios, muitos deles também de natureza financeira, que procuram «valorizar a organização de festivais internacionais nas artes performativas e/ou valorizar a participação de criadores ou estruturas artísticas portuguesas nesses festivais». «Exemplos interessantes do ano de 2017», que procuram dar conta da diversidade de áreas artísticas e da geografia, são a participação e colaboração na organização do festival de fado de Buenos Aires, na Argentina, bem como a participação de criadores portugueses no festival de jazz do Cairo, Egito, e no festival internacional de música de Harare, no Zimbábue.

### PORTUGAL PAÍS TEMA

O mesmo se pode dizer da área específica do cinema. Portugal é o país tema de um dos mais importantes festivais do Chile, na cidade de Lebu, participa no festival europeu de cinema restaurado, em Israel, com o apoio do Camões, I.P. e da Cinemateca Portuguesa, e no festival de cinema de Istambul e esteve pre-



Portugal país tema no Festival de Cinema de Lebu, Chile



ver atividades de criação cultural ou de indústria cultural portuguesa». «É isso que traz para o essencial da nossa ação o triângulo de que precisamos,

que liga a arte, o património e a economia», triângulo esse que «pode ser rodeado pelo grande círculo da cidadania».

O governante deu exemplos desta abordagem, dando conta do acompanhamento e apoio da AICEP a uma agência de promoção cultural no exterior no grande festival e mercado de música holandês, em Groningen. «O que aconteceu aqui foi a exibição de vários grupos de arte musical portuguesa, designadamente do *pop*, do *rap* e de outras formas mais ou menos ligadas à música moderna popular, ao mesmo tempo que facilitou os contactos para a venda dos respetivos serviços ou produtos».

Um segundo exemplo é o facto de o Turismo de Portugal incluir entre as campanhas no exterior uma de atração de públicos para os festivais de música que se realizam em Portugal. «Portugal é neste momento é uma das mecas internacionais dos festivais de música, designadamente os festivais de música moderna ao ar livre e, evidentemente, que esse é um dos fatores de atração turística para Portugal. É muito importante que o turismo possa ajudar-nos e trabalhar nesse domínio».

Um terceiro exemplo esta no é uma iniciativa já experimentada em 2016, «e que correu bastante

bem, o apoio prestado pela AICEP e pelas embaixadas portuguesas nos países respetivos à vinda de editores estrangeiros – no ano passado foram britânicos e alemães; este ano serão franceses, alemães e italianos – à feira do Livro de Lisboa para contactar com autores, editores e agentes literários portugueses, «no sentido de fomentar também a exportação neste domínio – que é igualmente exportável – da literatura portuguesa ou de língua portuguesa».

Para a promoção da internacionalização da cultura portuguesa, Santos Silva aponta a existência de «três grandes redes». A primeira é constituída pelos canais internacionais da RTP e de outras estações que têm serviços de programas internacionais, que «constituem uma rede a que acedem milhões de pessoas em todo o mundo». O número de subscrições pagas de que beneficia a RTP Internacional aproxima-se dos 10 milhões e a comunidade portuguesa e de lusodescendente espalhada pelo mundo ascende a cerca de 5 milhões. E essa é uma rede importantíssima.

Uma segunda rede «muito importante» é a rede externa do

Camões, I.P., com 72 centros de língua portuguesa, 20 centros culturais portugueses e 42 cátedras, que fazem ensino e investigação sobre o português e a cultura portuguesa. O Camões, I.P., trabalha com 369 escolas superiores ou organizações internacionais em dezenas e dezenas de países do mundo. E cada um dos seus 654 docentes, uns portugueses, outros estrangeiros (...) é ele próprio um agente de promoção da cultura portuguesa no exterior».

Existe por fim a participação dos organismos culturais portugueses em diferentes redes, de que são exemplo as redes a que pertencem os teatros nacionais, o teatro de ópera e a Companhia Nacional de Bailado, ou uma de entre muitas redes patrimoniais internacionais a que Portugal está vinculado, como o Ibermuseum, «uma importante rede de museus ibero-americanos em que os museus portugueses têm tido um lugar de destaque».

O ministro apelou ao aproveitamento destes recursos para que se consiga «apresentar em 2018, 19 e 20 programas indicativos anuais de ação cultural externa ainda mais ambiciosos».

## ABRANGÊNCIA MUNDIAL DA AÇÃO CULTURAL EXTERNA EM 2017



sente com 9 filmes no festival de Berlim (*Berlinale*), tanto no mercado como na competição artística, garantiu o ministro.

Sob o chapéu institucional das 'mosttras da cultura portuguesa', mas ainda na área do cinema, Portugal organiza em parceria com o mais importante museu de Buenos Aires, o MALBA, uma semana destinada à exibição e promoção do cinema português, assim como também está programada uma mostra de cinema português na Coreia do Sul, depois de, em 2016, se ter feito na China. «Faz-se na Coreia do Sul porque convém não perder de vista, também na área da cultura, o movimento geopolítico a leste que se vem verificando já há alguns anos», observou Santos Silva.

No teatro, o ministro elencou a participação no reconhecido festival de teatro de Avignon, em França, e no Festlip, o festival que, no Brasil, é dedicado especificamente ao teatro em língua portuguesa.

Depois de referir a participação portuguesa em festivais de dança contemporânea na Tailândia e no Uruguai,

o ministro enumerou o envolvimento no Luanda Cartoon, festival de BD apoiado pelo Centro Cultural Português de Luanda, e no *Festival Kosmiksowa*, também de Banda Desenhada em Varsóvia, na Polónia. E ainda no campo das artes visuais, o apoio à participação portuguesa no PhotoEspania de 2017, no país, que acolherá a 16ª edição da mostra de cultura portuguesa em Espanha. Santos Silva sublinharia o papel da Embaixada na organização do evento com o apoio do Turismo de Portugal.

Um outro grande grupo de iniciativas diz respeito à presença portuguesa nas grandes exposições internacionais. O responsável pelos Negócios Estrangeiros lembrou que em 2017 será o escultor José Pedro Croft a representar Portugal na Bienal de Veneza.

Numa «nova geografia» situar-se-á a exposição que vai decorrer entre dezembro de 2017 e fevereiro de 2018 em Moscovo, em resultado da colaboração entre o Museu Nacional de Arte Antiga e o Museu do Kremlin.

## PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

Foi na lógica de circulação internacional de artistas e de bens artísticos e culturais portugueses que Santos Silva situou a participação em feiras do livro. Portugal estará presente nas feiras do livro de Leipzig, na Alemanha, de Bogotá (Filbo), na Colômbia, de Pula, na Croácia, e na feira do livro infanto-juvenil de Bolonha, em Itália, entre outras.

Quanto à circulação de criadores portugueses, Santos Silva referiu que o Ministério da Cultura apoiou a intervenção de Vhils (Alexandre Farto) no jardim da Embaixada de Portugal em Banguecoque, na Tailândia, e a digressão internacional da exposição do arquiteto Carrilho da Graça, assegurando a sua presença no circuito geográfico que inclui a Colômbia, Brasil, Uruguai, França e Espanha.

A ação cultural externa nos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) mereceu uma valorização «específica» da parte do governante. Quatro ações em 2017 serviram de exemplo: o apoio às atividades de formação e à organização de espetáculos de uma das mais importantes companhias de dança angolanas, a Companhia de Dança Contemporânea de Angola, do Teatro Experimental de Bissau, do festival Internacional de Teatro do Mindelo (Mindelact), em Cabo Verde, e ao projeto de música erudita Xiquitsi (orquestra e coro), em Moçambique.

Se «a circulação internacional é uma das formas de divulgação da atividade criativa e do património cultural português», uma outra, «muito importante, são as atividades de edição», de que é exemplo no campo patrimonial, a exibição, entre janeiro e junho, no Museu das Civilizações da Europa e do Mediterrâneo (Mucem), em Marselha, de obras do património fílmico português recuperadas e pre-

## Portugal vai ser país tema na Feira do Livro de Guadalajara

Portugal foi convidado para ser o país tema «naquela que é provavelmente uma das duas feiras do livro mais importantes da América latina, a feira de Guadalajara no México», em dezembro de 2018, revelou em fevereiro passado o ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva, durante a apresentação do programa de ação cultural externa para 2017.

A preparação está ser na nova lógica definida pelo Governo: «vários ministérios com o apoio de empresas privadas portuguesas que também têm interesses económicos no México». «A cultura é um elemento essencial de uma marca nacional de que beneficiam as empresas portuguesas exportadoras», frisou o ministro.

Na mesma altura, o ministro da Cultura, Luís Filipe Castro Mendes, disse que Guadalajara «vai levar a pôr em

prática a ação cultural externa a uma grande escala». «É uma grande feira do livro onde, à semelhança de Frankfurt, há um mercado de direitos de autor», e um «lugar de exposição cultural». A feira é frequentada não só por todo o mundo cultural ibero-americano, de língua espanhola, mas também por muitos outros editores, agentes culturais, intelectuais e agentes de cultura, disse Castro Mendes.

O país convidado tem o compromisso de organizar vários eventos de natureza gastronómica, espetáculos, exposições, um conjunto de atividades de qualidade que mostrem o país.

Um desafio destes (...) tem de ser respondido não apenas pela Cultura e pelos Negócios Estrangeiros, mas também pelo turismo, pela economia, por todo o Governo, porque todos nós estamos a querer promover Portugal no mundo».

servadas pela Cinemateca Portuguesa, que tem prevista a edição em DVD de filmes clássicos e restaurados da cinematografia portuguesa. «O exemplo deliberadamente combina as questões de preservação patrimonial com as questões de divulgação de uma arte tão moderna como é a arte do cinema e do visual», considerou Santos Silva.

Outro «instrumento poderosíssimo» referido pelo ministro para a divulgação internacional da cultura portuguesa são os conteúdos em linha ou digitais. «Contam-se pelos vários milhões (...) os acessos que são feitos do estrangeiro à Biblioteca Nacional Digital», disse Santos Silva, que indicou ter sido o seu

número próximo de 9,5 milhões, em 2016. Já o número de visualizações a partir do estrangeiro do portal digital da Torre do Tombo ascendeu a perto de 3 milhões, em 2016. Com estes números, realçou, percebe-se o que é que mudou para «promover internacionalmente os nossos bens culturais», do ponto de vista da escala, quando se utilizam as plataformas digitais. O ministro apontou as potencialidades que se abrem com a digitalização que a Radiotelevisão Portuguesa (RTP) está a fazer do seu arquivo. «Isso significa multiplicar por ené – sendo ené muito próximo do infinito – a acessibilidade aos bens conservados nesses arquivos», disse.

## Homenagem à Cinemateca Portuguesa em Marselha

Uma homenagem à Cinemateca Portuguesa vai decorrer até junho próximo em França, no Musée des civilisations de l'Europe & de la Méditerranée (MuCEM), em Marselha.

O programa de homenagem teve o seu início a 1 de janeiro com uma conferência proferida pelo diretor da Cinemateca Portuguesa, José Manuel Costa, a que se seguiu a projeção do filme *Maria do Mar* (Leitão de Barros, 1930), acompanhada pelo quarteto musical HUM, que interpretou uma partitura do pianista e compositor Roberto Tricari.

A homenagem integra-se nos ciclos anuais do MuCEM subordinados ao tema 'Les rendez-vous des cinémathèques', que propõem encontros e projeções de filmes em parceria com cinematecas da Europa e do Mediterrâneo. Em 2016 o destaque foi para a Cinemateca de Bolonha.

Numa sexta-feira em cada mês serão propostos dois filmes emblemáticos da história do cinema português acompanhados por um crítico português.

A iniciativa surge num momento em que a cultura portuguesa e o cinema em particular se afirmam de modo decisivo em França.

O MUCEM tem especiais laços com Portugal, por via do seu diretor, Jean-François Chougnat, que trabalhou no CCB uma dezena de anos e já em 2016 deu grande relevo ao cinema de Miguel Gomes.

Não se trata, nesta homenagem, de propor uma retrospectiva histórica ou cronológica do cinema português, mas sim de mostrar a variedade dos resultados do trabalho de restauro e conservação da Cinemateca, por um lado e, por outro, para além da projeção de grandes obras de Manoel de Oliveira, Paulo Rocha e Pedro Costa, dar enfoque a filmes ou cineastas pouco conhecidos em França, tais como João Botelho, José Álvaro de Moraes, António Reis e Margarida Cordeiro, Jorge Silva Melo, Rita Azevedo Gomes, Margarida Cardoso.

O programa inclui a exibição de *Maria do Mar*, de José Leitão de Barros, *Verdes Anos*, de Paulo Rocha, *Recordações da Casa Amarela*, de João César Monteiro, *Canção de Lisboa*, de Cottinelli Telmo, *Francisca*, de Manoel de Oliveira, *Três Palmeiras*, de João Botelho, *Zefiro*, de José Álvaro Moraes, *A Costa dos Murmúrios*, de Catarina Mourão, *Agosto*, de Jorge Silva Melo, *A vingança de uma mulher*, de Rita Azevedo Gomes, *Trás-os-Montes*, de António Reis e Margarida Cordeiro, e *O sangue*, de Pedro Costa.

## Primeira edição do Prémio literário INCM/Eugénio Lisboa



Até 31 de maio decorre o período de candidaturas à primeira edição do Prémio Literário INCM/Eugénio Lisboa «destinado a selecionar trabalhos inéditos de grande qualidade no domínio da prosa literária, em Moçambique», segundo uma nota de imprensa da A Imprensa Nacional - Casa da Moeda (INCM) de Portugal e do Camões, I.P.

Ao prémio podem concorrer «todos os cidadãos moçambicanos, a residir em Moçambique ou no estrangeiro, ou estrangeiros residentes em Moçambique há pelo menos 10 anos», acrescenta a nota.

Criado pela INCM, «no âmbito da sua missão de promoção da Língua

Portuguesa», o prémio literário tem o nome de Eugénio Lisboa (Lourenço Marques, 1930), engenheiro de formação, dada a sua relevância como «cidadão e homem de cultura nascido em Moçambique mas também como autor de prosa, ensaio e crítica literária». Especialista em José Régio, foi entre 1978 e 1995 conselheiro cultural da Embaixada de Portugal em Londres. Presidiu à Comissão Nacional da UNESCO (1996-98).

A decisão do júri, constituído pelo escritor Ungulani Ba Ka Khosa (presidente), pela professora da Universidade Eduardo Mondlane Teresa Manjate e pela diretora do Camões/Centro Cultural Português em Maputo, Alexandra Pinho, será divulgada até 30 de novembro próximo.

O Prémio INCM/Eugénio Lisboa contempla a edição da obra vencedora, bem como a atribuição do valor monetário de cinco mil euros ao vencedor.

De acordo com o regulamento do concurso, as obras concorrentes devem ser inéditas e em português e ser assinadas com um pseudónimo do autor.

As candidaturas, que abriram a 1 de fevereiro, podem ser entregues no Camões/Centro Cultural Português em Maputo ou na Beira ou, ainda, no Centro de Língua Portuguesa da Universidade Pedagógica em Nampula. Os moçambicanos residentes em Portugal que concorrem a este Prémio podem dirigir-se às instalações da INCM na Rua da Escola Politécnica, em Lisboa.

## Conferência da Cátedra D. João II, em Oxford O que se passa com as criadoras portuguesas?

Os três nomes mais representativos da literatura portuguesa, na opinião de Phillip Rothwell, são Camões, Eça de Queirós e Fernando Pessoa, três homens que podem ser vistos, de formas diferentes, é certo, como «escritores transnacionais». Mas o que é que se passa com as criadoras portuguesas?

É a resposta a essa pergunta que a conferência *Transnational Portuguese Women Artists* - organizada de 16 a 18 de março no Wadham College de Oxford por Cláudia Pazos Alonso e Hilary Owen, investigadoras da Cátedra de Português D. João II da Universidade de Oxford, no Reino Unido, de que é titular o professor britânico Phillip Rothwell - procura dar.

«O momento é propício para revisitar as suas experiências de encontros culturais através das fronteiras nacionais. Paula Rego, Maria Velho da Costa ou Ana Hatherly, para nomear apenas alguns dos exemplos contemporâneos mais conhecidos, viveram no exterior por prolongados períodos. Surpreendentemente, no entanto, a sua obra ainda não foi considerada a partir de um ângulo transnacional ou transcultural», diz Phillip Rothwell, que sucedeu ao reputado lusitanista britânico Thomas Earle à frente da Cátedra de Estudos Portugueses da Universidade de Oxford, apoiada pelo Camões, I.P.

A conferência - acrescenta este especialista nas literaturas e culturas de Portugal e da África lusófona - «irá examinar como o significado de ser um artista transnacional / da diáspora mudou ao longo do tempo e focar as transações entre a influência criativa e as múltiplas identificações através do prisma do género».

Da agenda de trabalhos Phillip Rothwell destaca a comunicação em sessão plenária da professora jubilada da Universidade de Coimbra Maria Irene Ramalho, especialista em estudos feministas, sobre a escritora Maria Velho da Costa, e a sessão com a artista visual contemporânea portuguesa Maria Lusitano.

Segundo ele, os participantes na conferência irão assistir à estreia mundial do filme de Nick Willing sobre a sua mãe, a pintora Paula Rego, antes da sua exibição este mês na estação pública de televisão britânica BBC, bem como à projeção do filme *Revolução* (Portugal, 1975) da escritora, ensaísta, tradutora e artista plástica Ana Hatherly, cedido pela Fundação Gulbenkian, seguida pelo debate do apoio desta instituição aos criadores no estrangeiro.

A conferência insere-se no plano de atividades no atual período letivo da Cátedra D. João II, criada em 1995 por impulso do professor universitário britânico e estudioso da língua e da cultura portuguesa Thomas Earle, que, no dizer de Phillip Rothwell, «claramente a viu como cimentando a reputação de Oxford como líder mundial



Professores e investigadores do departamento de Português da Universidade de Oxford com o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa

dos Estudos Portugueses no mundo anglófono».

Os Estudos Portugueses em Oxford datam formalmente dos anos 30 do século passado, quando o Estado português apoiou a criação de um leitorado, apesar de já nos séculos XIV e XV ter havido um número considerável de letrados portugueses, predominantemente de ordens religiosas, terem estudado em Oxford, evoca Rothwell, que refere ter o carmelita português Frei João Sobrinho escrito o seu tratado sobre filosofia moral e política em Oxford em 1449 e a primeira publicação em português da *Oxford University Press* ter ocorrido em 1695. Desde a criação do leitorado, «as ligações entre Oxford e Portugal ganharam força, culminando na atribuição ao Presidente Mário Soares de um grau honorífico e na criação da Cátedra».

A Cátedra, tanto de ensino como de investigação, «é acolhida no único departamento independente de português no Reino Unido», integrando a Faculdade de Línguas Medievais e Modernas da universidade de Oxford, sublinha o seu titular, que refere o interesse em «treinar a próxima geração de estudantes pós-graduados de Português».

Responsável por um amplo leque de seminários de investigação e metodológicos, conferências, palestras e publicações relacionadas com os Estudos Portugueses, a Cátedra tem um corpo de três docentes, que lecionam 87 estudantes, e 11 investigadores (Phillip Rothwell, Cláudia Pazos Alonso, Claire Williams, Thomas Earle, Stephen Parkinson, Helder Macedo, Hilary Owen, Iris Bachman, Simon Park, Luísa Coelho e Rachel Randall). No âmbito da Cátedra estão a ser orientados atualmente 9 mestrados e doutoramentos.

Têm sido vários os projetos de investigação desenvolvidos no âmbito da Cátedra, cobrindo temas como as relações culturais entre Portugal e o Reino Unido, a cultura e a democracia em Angola, as escritoras lusófonas,

'Camões pós-imperial', a cultura portuguesa após o fim do Império interpretada a partir de uma perspetiva psicanalítica, os modernismos portugueses e as periferias brasileiras.

Rothwell descreve como contribuições mais significativas da Cátedra a produção dos livros *A Companion to Portuguese Literature and Reading Literature in Portuguese*, como coleções de referência para o estudo da literatura portuguesa no mundo anglófono, mas também um amplo leque de edições sobre as literaturas medieval, renascentista, novecentista e contemporânea, incluindo dos países africanos de língua portuguesa, «em que temos uma particular força», e dos estudantes pós-graduados, «que são encorajados a publicar em encontros académicos destacados desde cedo». A Cátedra tem também, segundo ele, uma força especial no Estudos de Género.

Depois de nos últimos anos ter celebrado os 80 anos do escritor e professor português Helder Macedo, os 100 anos da revista Orfeu e acolhido a Associação de Lusitanistas Britânicos e Irlandeses, a Cátedra propõe-se abordar em 2017 a obra da escritora brasileira Clarice Lispector, falecida há 40 anos em dezembro próximo, e o feminismo transnacional e realizar uma conferência para o lançamento de um novo posto em Estudos Portugueses Renascentistas em Oxford.



**Camões, I.P.**

Av. da Liberdade, n.º 270  
1250-149 Lisboa  
TEL. 351+213 109 100

FAX. 351+213 143 987  
www.instituto-camoes.pt  
jencarte@camoes.mne.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho  
COORDENAÇÃO Vera Sousa  
COLABORAÇÃO Carlos Lobato